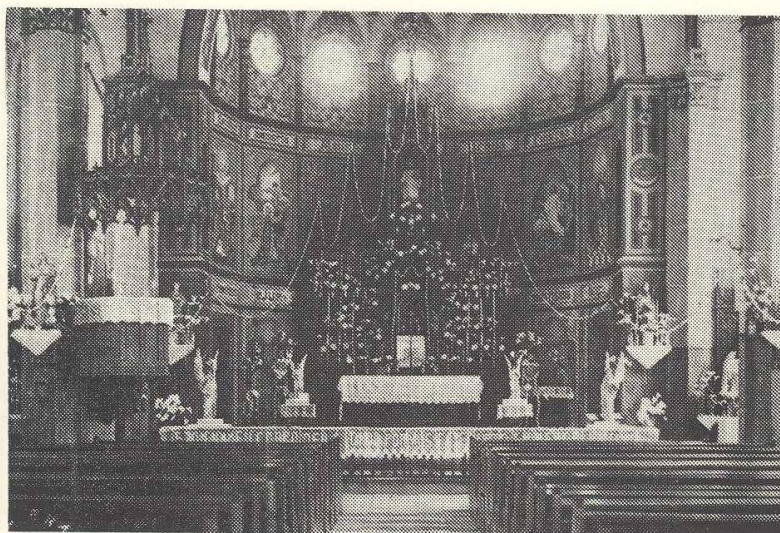




NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO IV

Nº. 15

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 83721639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa nas Oficinas da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano IV

Julho, Agosto e Setembro de 1980

Nº 15

Sumário

	Página
PESQUISA E ESTUDO DAS CASAS DE ENXAIMEL	58
FASE PIONEIRA DO CIMENTO NO BRASIL	60
PROFESSOR FELICIANO NUNES PIRES..	63
REGISTROS PITORESCOS EM DOCUMENTOS	64
HISTÓRICO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BRUSQUE..	66
OS 75 ANOS DO SANTUÁRIO DE AZAMBUJA	70
RELATÓRIO DOS PREPARATIVOS E DAS FESTAS COMEMO- RATIVAS DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE BRUSQUE..	73
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEÉBURG	77

CAPA — Concepção e gentileza de Wolfgang L. Rau.

Clichê — Interior da primeira Igreja Matriz Católica de Brusque.

I - Pesquisa e estudo das Casas de Enxaimel no Vale do Rio Itajaí-mirim

Aloisius Carlos Lauth

As cidades catarinenses procuram firmar-se, culturalmente, na história colonial de seus primeiros habitantes. Há, hoje em dia, uma política municipal de conservação dos valores históricos, mais que o puramente folclórico, com o desestímulo de impostos, divulgação turística, etc. Diante desta realidade, de cunho pitoresco, chegamos a sofrível conclusão que BRUSQUE SUBJUGA SUA TRADIÇÃO: por temer a concorrência de outras cidades ou por má aquilatação de suas potencialidades sócio-culturais, cidade que foi colonizada por duas levas de imigrantes estrangeiros — alemães e italianos.

Dever-nos-íamos volver à História Terra mais do que fugarmos um desenvolvimento incompleto e tão unificado. Somos povo de duas raças, independentemente das qualidades individuais dos seus, e que se orgulham em possuir este chão, construindo suas casas como em seus países de origem. Casas que lembram antigas cidades européias; fino trato de um estilo prussiano; iniciativas puramente particulares no campo da comunidade, etc, são pontos da herança que temos. Devemos querer o passado não pelo passado, mas pelo substrato que ele é de nosso futuro.

Não é saudosismo, então, perguntarmos: que restam das Exposições Agrícolas dos tempos coloniais, quando fomos até Paris? Qual o fruto de tantos esforços particulares na alfabetização? Que ganhamos a mais por iniciarmos a saúde pública na área da psiquiatria? Que são feitos dos Jogos Abertos, de seu berço? Qual é a tradição de nosso futebol profissional? A Festa de Reis do Tiro da Sociedade Caça e Tiro, pioneira no Brasil? Que significam nossos teares na vida de nossa gente? Que são feitas, enfim, das nossas Casas de Enxaimel, símbolo da colonização alemã?

Foi assim que, nos interiores, tomamos contato com as Casas de Enxaimel de nossa terra. Parece haver uma confusão no termo “ enxaimel ” usado pelo morador daqui. São mais que “ casas antigas, de varanda rebuscada e de tijolinhos. . . ” Na verdade, são casas típicas porque conservam o estilo dos tempos coloniais ao serem construídas pelo descendente ou pelo próprio imigrante alemão. No antigo torrão natal, deveria ser comum a construção destas casas, onde a estrutura é integrada no embelezamento. É falsa a afirmativa de que o imigrante temeu as intempéries e então tentou construir uma casa-forte. Primeiro, porque as intempéries não eram tão arrasadoras e, depois, porque o Enxaimel não é a melhor construção contra as fúrias da natureza. Pode ser admitido, no entanto, que a Casa de Enxaimel, na cultura germânica, tenha este significado, mas foi trazida para cá apenas por transferência de valores sócio-culturais.

É bem verdade, também, que o homem tinha presente, sob forma de conteúdo cultural, o perigo das inundações, das catástrofes fluviais que inundavam suas plantações. Por isso, ele sabia acentar sua moradia em planícies mais elevadas, nunca em chãos aterrados, e até sobre baixas colinas. São majestosas as que hoje encontramos em paisagens abertas, junto ao córrego, ou as assentadas nos morros de nosso interior, como a Casa de Enxaimel de chácara do Sr. Visconti, no Bateas.

A Colônia Brusque sofreu influências na área da habitação da Colônia Blumenau, onde já em 1863 alguns edifícios adotavam este estilo. O engenheiro da "casa regular d'escola de primeiras letras" salienta, na planta, a conservação e a duração daquele edifício. Estes fatos demonstram que esta moradia não tem tantas características autótonas quanto se pensa. Ela foi transplantada por uma necessidade básica de sobrevivência, onde o custo da obra também era fator importante.

Hoje, as Casas de Enxaimel estão à beira da estrada principal dos bairros, bem junto a outras edificações, de filhos e netos, acompanhadas de rancho para gado, paiol, garagem e velhos engenhos. . .

Construiu-a o colono de então, por tradição de família, por modismo, etc., pois assim nos diziam alguns: "ele construiu esta "Casa de Armação" como a do pai dele, que morava aí adiante". Depois, outros construíram por vizinhança e gosto. Procuravam chão plano nas terras de seu pai ou sogro, não muito distante de uma fonte de água que servisse às necessidades cotidianas. O fundamento das mais antigas é de um bloco de pedra, em forma de cubo; mais tarde se utilizaram tijolos para os pilares. O construtor media e enumerava a madeira para a amarração - canela, peroba, jacarandá - usando, então, a talhadeira e muita habilidade manual para confeccionar os encaixes. No limiar do século, algumas serrarias vendiam a madeira pronta com os encaixes e sob medida.

Depois, o carpinteiro levantava os pilares e as escoras, ajudado pela família do proprietário e vizinhos disponíveis. Preenchia-se, a nível, a amarração com os tijolos adquiridos ou ali confeccionados, tendo-se o cuidado de facear os lados da argila crua. Argila sempre se encontrou, não em escala industrial, nas terras do Itajaí-mirim. Àquelas alturas, as tábuas largas do assoalho estavam assentadas. Temendo-se a ruptura das paredes, colocava-se o telhado, nos dois lados da casa ao mesmo tempo. Esta vitória era comemorada com um "trago" e algumas folhas verdes de palmito balancavam na cumieira. Depois de pronta, quase sempre havia uma espécie de "inauguração", com festa para quem trabalhou.

Se houvesse varanda inclusa à amarração, iniciava-se um trabalho difícil de entalhamento da madeira frontal, que ilustraria a viga de entrada, o pórtico, e as janelas da frente. As escadarias, por fim, eram muito simples. Interiormente, cuidava-se da estética da sala-de-estar e do quarto-de-casal. Se as paredes não eram cobertas de reboco,

os tijolos vermelhos, junto ao madeirame escuro, compunham ares de aconchego, de janelas altas e estreitas, de boa iluminação e ventilação. Com exceção das janelas da frente, elas se constituíam de duas asas, em tábuas maciças, pintadas de verde escuro. Não era comum usar janelas de vidro porque este era importado.

As paredes rebocadas recebiam um toque decorativo especial nas mesmas dependências citadas. É uma decoração padronizada, representando flores variadas arrançadas de forma geométrica, em tintas de cores frias, com pouco brilho. Os demais detalhes internos e externos ficavam ao bom gosto do morador. É assim o Enxaimel do Sr. Hassmann-Moritz.

Observe-se, ainda, que as instalações sanitárias ficavam distante da casa, a uns 15 metros, normalmente sobre um córrego. Antes do córrego, um cocho recolhia água para o uso doméstico.

De outro lado, deveríamos encontrar o rancho e o paiol, o estábulo e, quem sabe, o engenho de farinha — todos de madeira. Hoje, contudo, restam apenas as linhas da área e a velha Casa de Enxaimel. Que ela não seja o fantoche de uma herança badense de que devemos nos orgulhar!

A Casa de Enxaimel, se representa agora a faceta bucólica de nosso interior, geralmente concentrada no bairro, em raio de 500 metros uma de outra, antes foi a época de ouro da Colônia e do início do século. Nem todos conseguiram construir uma original, mesmo desejando, por falta de finanças, tijolos adequados e madeira. A uns faltou a habilidade, a outros acrescentou-se a criatividade que revolucionou as características do estilo. Entretanto, estas amostras mescladas de gostos pessoais não apreciam o estilo cuja fidelidade externa ainda hoje a harmonia da casa colonial. Mas, a raridade destas casas, é mais um traço que faz de Brusque uma cidade atípica, onde a urbanização desmistifica a estética e a tradição da terra.

Fase pioneira do cimento no Brasil

Aloisius Carlos Lauth

O desenvolvimento da indústria cimenteira no Brasil pode ser dividida em 2 fases: a) fase pioneira (1888-1925) e b) fase industrial (1926-...)

Durante a primeira fase, tivemos as seguintes tentativas de implantação de fornos:

1 — a construção da fábrica da Ilha Tiriri, no Pará, em 1888. A paralização deu-se dois anos depois;

2 — o início da fábrica da Fazenda Santo Antônio, em São Paulo, 1897 e a suspensão pelo descaso; e,

3 — a construção do primeiro forno rotativo em Cachoeira do Itapemirim, no Espírito Santo, em 1912. Alguns anos depois é suspensa a produção.

É dentro do primeiro período, ainda, que queremos situar a tentativa do Coronel Renaux de construir, por volta de 1910, uma fábrica de cimento na localidade de Ribeirão do Ouro, então distrito do município de Brusque. Embora as condições econômicas fossem pouco favoráveis, acreditava o coronel ter suficiente técnica de extração e beneficiamento do calcário para colocar um bom produto e a baixo preço no mercado do Rio de Janeiro. A qualidade da pedra e os estudos feitos no exterior, animaram a iniciativa de alguns empresários da região de financiar a construção. A implantação não se deu somente pela falta de apoio governamental, estando o Estado de Santa Catarina, na época, investindo em área agrícola. O estudo e a pesquisa envolveram geólogos, mineradores e engenheiros alemães que fizeram levantamentos da região do Rio Itajaí-Mirim e da região carbonífera catarinense. Seguiu-se um anteprojeto de implantação ferroviária, que ligaria Criciúma-Itajaí e Itajaí-Ribeirão do Ouro. O porto de Itajaí seria o ponto-chave da comercialização. Ele receberia o carvão catarinense e o enviaria à beneficiadora, onde seria utilizado como fonte de energia. Pelo porto, ainda, embarcaria a produção cimenteira para o mercado do Rio. Os ramais ferroviários, entretanto, ficaram "em implantação" até outubro de 1917. E o maquinário para o beneficiamento seria importado da Europa tendo elevado orçamento. Daí porque a necessidade do apoio do governo estadual e federal. Até a época, nota-se que nenhuma iniciativa efetivara-se e a tentativa do coronel era uma aliança do particular com o governamental.

A amplitude deste projeto teria modificado, economicamente, a região superior do Itajaí-Mirim, pois tomaria a mão-de-obra italiana da agricultura depauperante. O imigrante ocupara uma região difícil, com terras de cultivo com pouca extensão, cultivando gêneros difíceis. Sua produção não ultrapassava a troca ou a venda com o vizinho. Os atuais estudos sócio-econômicos mostram as características da produção como causas do insucesso dos imigrantes italianos. Essa mão-de-obra ociosa seria aproveitada pela beneficiadora, dando lugar também à concentração demográfica e conseqüente urbanização. Assim sendo, cremos que o presente estudo mostrará a intenção do Coronel Renaux, e de seus correligionários do PRC, em projetos econômicos ambiciosos, ainda desconhecidos, e diferentes da área textil.

I — PESQUISAS: estudos preliminares do Eng. Hausmann (1908) e pesquisas e projetos do Eng. Roder, da Eisenwerk vorm. Nagel e Kaemp de Hamburgo, Alemanha, entre 1910-1911.

II — LOCALIZAÇÃO: terras pertencentes ao Cel. Renaux, entre o Ribeirão do Ouro e a barra do Ribeirão do Sete, tendo a mina 25 m de altura, 400 m de comprimento e 300 m de largura.

III — Produção: de 120.000 barricas de 150 kg, durante 125 anos. Qualidades do produto para o mercado: cal virgem, cal hidráulica e cimento.

IV — ANÁLISES:

a) da pedra calcárea: SiO₂ — 4,36%; R₂O₃ — 0,60%; CaCO₃ 94,10%; MgCO₃ — 1,20; SO₃ — 0,35%.

b) da argila (encandecida): SiO₂ — 62,40%; R₂O₃ — 34,80%; CaO — 1,50%; SO₃ —

Obs. perdas durante o encandecer: 10,35%

c) da composição moída, em estado cru: SiO₂ — 15,2%; R₂O₃ — 7,0%; CaCO₃ — 76,9%; MgCO₃ — 1,5.

d) do cimento cozido: SiO₂ — 22,9%; R₂O₃ — 10,6%; CaO — 65,2%; MgO — 1,2%.

e) da argila encarnada-amarelada (diluído e passado em filtro de 5000 e 900 malhas):

Resíduos totais da peneira	27,46%
Em 5000 malhas passam	5,80%
Em 900 malhas passam	11,20%
Resíduos ainda existentes	10,00%

Obs.: Entre os resíduos, 2 quartzos de 3 mm.

f) da argila encarnada-clara (diluído e passado em filtro de 5000 e 900 malhas):

Resíduos totais na peneira	19,80%
Em 5000 malhas passam	8,25%
Em 900 malhas passam	8,27%
Resíduos retidos	2,70%

Obs.: Resíduos de areia fina.

g) da argila amarelo-clara (diluído e passado em filtro de 5000 malhas e 900 malhas):

Resíduos totais na peneira	25,22%
Em 5000 malhas passam	13,32%
Em 900 malhas passam	9,65%
Resíduos retidos	2,25%

Obs.: Resíduos de areia fina.

V — CONCLUSÃO do analista, Eng. Semper: “É evidente que destas matérias-primas se pode, sem mais composições, cozinhar um cimento Portland de extraordinária qualidade. O cálculo da mistura determina que 1 parte de argila seca requer 4,34 partes de pedra calcárea para se obter boa composição em estado cru”.

VI — CONDIÇÕES PARA FABRICAÇÃO:

Os fornos seriam de “cova”, de forma a utilizar a lenha para a secagem de argila, sendo suficiente e barata.

A chuva abundante requer que se construa um secador de pedra calcárea para evitar umidade.

VII — TRANSPORTE:

As “chatas” levariam a produção até o porto de Itajaí, onde seria embarcado para o Rio de Janeiro.

Com a expansão da fábrica, o governo construiria ramal ferroviário Itajaí-Ouro e Itajaí-Criciúma, possibilitando a utilização do carvão mineral e o escoamento da produção cimenteira.

VIII — MERCADO:

200 kg de cal hidráulico, do Ribeirão do Ouro, posto no Rio, custariam Fr. 8,80.

200 kg de cal virgem, de Lisboa, posto no Rio, custariam Fr. 40,00.

PROFESSOR FELICIANO NUNES PIRES

Aloisius C. Lauth

Em contribuição aos festejos do antigo Grupo Escolar Feliciano Pires, recentemente, transcrevemos as provisões que criaram a primeira "ESCOLA DE PRIMEIRAS LETRAS" de Santa Catarina, em Florianópolis. Com a nomeação do primeiro MESTRE-ESCOLA — Feliciano Pires — e que tratou também da fiscalização do ensino e do referido professor:

"Profissão de 18 de julho de 1810

D. João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc.

Faço saber a Vós Ouvidor da Comarca da Ilha de Santa Catarina, que, tendo Eu provido na cadeira de primeiras letras fui servido criar nessa Ilha, a Feliciano Nunes Pires, por levá-la em concurso e ter em seu abono atestações de idoneidade passadas pelo Professor Rígido de Gramática Latina, pelo Sargento-Mor das Ordenações e pela Câmara, duvidou dar-lhe posse o Governador, representando-me contra o mesmo provido; e porque depois daquelas atestações fica lugar a escrúpulos sobre esta representação — sou servido ordenar-vos que, despojado do ESPÍRITO DE PARTIDO, e com aquela sizudez a que ao meu serviço e ao bem dos meus vassallos, cumpre examineis e vigieis passo a passo, ao referido Feliciano Nunes Pires no exercício daquela cadeira, de que o mandei empossar, dando-me conta escrupulosa de como ele se houver no seu Magistério.

O Príncipe Reegnte Nosso Senhor o mandou pelos Ministros abaixo-assinados, do seu Conselho, e seus Desembargadores do Paço.

(ass.) João Pedro Maynard da Fonseca e Sá, a fez no Rio de Janeiro, aos 18 de julho de 1810

Bernardo José de Souza Lobato fez escrever.

Paulo Fernandes Vianna

Luiz José de Carvalho e Mello"

Na mesma data, ainda, foi expedido nova provisão, nos seguintes termos:

“Dom João por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal, etc.

Faço saber a Vós Governador da Ilha de Santa Catarina, que me foi presente a representação que me fizestes sobre o Provimento possado a Feliciano Nunes Pires para Mestre das Primeiras Letras nessa Ilha, sobre o que estranhando muito o vosso comportamento — sou servido ordenar que deis inteiro cumprimento à minha Régia Profissão, como deveréis ter feito, representando depois os inconvenientes que occorrião, não vos dispensando de dar-me conta, se ele no exercício do seu magistério se não ajustar com os seus deveres”.

Os textos acham-se às fls. 25 e 26 do livro 1º de Notação das Ordens que se expediam pela Mesa do Desembargo do Paço.

Registros pittorescos em documentos do período colonial brusquense

Ayres Gevaerd

A Sociedade Amigos de Brusque possui um precioso acervo de documentos originaes dos tempos da Colônia Itajahy-Brusque. Há pouco esse acervo foi enriquecido com documentos que pertenceram ao Conselheiro Francisco Carlos de Araújo Brusque ao tempo de sua atuação como Ministro da Marinha e presidente das Províncias do Pará e Santa Catarina.

São cartas, declarações, solicitações firmadas por personalidades as mais distintas do Império: Duque de Caxias, General Osório, Marques de Abrantes, Visconde do Rio Branco, General João J. Mena Barreto e outros. Esses documentos serão oportunamente expostos na sede social junto com outros, ligados com a história de Brusque.

*

É meu desejo, hoje, retirar de velhos documentos, palavras e frases graciosamente originaes.

As anotações de nosso primeiro Diretor colonial, todas em português, extensas, detalhadas, ao seu tempo, chegaram a irritar certo presidente da Província ao qual eram destinadas. Há um despacho de S. Excia. que diz assim: “Veja o que quer o sr. Barão com todo este “aranzel”.

Mas, se na época eram prolixas, hoje, para quem as examinar, são extraordinárias fontes de estudo. A vida brusquense nos seus primeiros 10 anos pode ser avaliada e contada em minúcias, tão interessantes são os relatos do velho barão.

Seguem pois os registros que achei mais interessantes; além

de Schneéburg, um do barão de Klitzing e as famosas "causa mortis" do primeiro vigário de Brusque, padre Alberto Gattone.

A ortografia da época foi devidamente respeitada.

"Também um sacerdote se faz necessário, para confessar, casar e enterrar. Nesse documento, de outubro de 1860, Schneéburg encarece a necessidade de completar a administração colonial.

"Contra qualquer atentado que possa haver abordo". Carta escrita em Desterro, antes de embarcar para sua Colônia. Schneéburg levava consigo a importância de 25:000\$000, pedindo a guarda de 2 a 3 soldados. Documento de 26 de janeiro de 1862.

"Oh! Emo. Sr. Sim, Deus é grande! Elle ouviu em tempo as preces de minha alma em agonia, da minha honra assassinada" Frase do barão em documento ao presidente da Província no dia 16 de março de 1862, por ocasião da recuperação da importância de 9:000\$000 roubada dias antes.

"João Lenschow veio duas ou três vezes a esta Colonia em qualidade de músico viajante para tocar em ocasião de danças e que sua conduta era regular". Informação do barão respondendo a um ofício do Coronel José B. Caldeira de Andrade, delegado da repartição especial de terras públicas e colonização de Santa Catarina. Documento de 15 de julho de 1865.

"Esta igreja, matriz provisoria, tem 42 palmos de frente por 72 de fundos construida com esteios, paos de plumo, emripada e barreada... Com pequena torre com um sino de quasi 7 arrobas que hontem, 17 de novembro foi bento e inaugurado. A missa foi celebrada pelo padre A. Gattone estando presentes para cima de 300 pessoas além das que ficaram da parte de fóra". Do Relatório de 18 de novembro de 1866. Na ocasião se celebrava a primeira Missa cantada na Colônia.

"O diretor Cottle, pessoa muito boa, sisuda e circunspecta já enviou de seu moto — próprio, 18 dos piores de seus colonos à delegacia de polícia de Itajai". Documento de 4 de março de 1867. O barão de Schneéburg referia-se à conduta dos colonos irlandezes na "nova Colonia Principe Dom Pedro".

"Responda que podem transportar-se para onde quizerem." Despacho do presidente da Província a uma solicitação do diretor barão de Klitzing pedindo recursos e passagem para outras colônias para viúvas e esposas abandonadas por seus maridos, em estado de miserabilidade. Documento de 2 de outubro de 1868 da colônia Principe Dom Pedro.

Anotações do padre Alberto Gattone no Livro de Óbitos da Colônia, em 1862, 1863, 1869 e 1870: CAUSA — MORTIS:

"Cahio no rio; Morreo afogado no rio, não se sabe mais delle; Doente do peito; Por mordedura de cobra; Cahio da canôa e morreu na água; Doença incerta; Parto difficil; Tisica; Morreu em consequencia de uma caída no fogo da cosinha; Matado de uma árvore, caindo;

Tosse; Enfermidade incognita; Inflamação do estomago; Mal da terra; Febre intermitente e parto de gemeos; Paralisia dos dentes; Tiro casual, por si mesmo, como é provavel; Em consequencia de bichos que tinha na cabeça; Cahida de cavalo; Vomito de sangue; Em consequencia de pés inchados; Febres de oranio; Fraqueza da velhice; Parto infeliz; Inflamação da garganta; Constipação; Proveniente de submersão; Inflamação do ventre; Doença incognita; Cahida do alto; Mal dos sete dias de idade; Afogado na goela; Por causa de lombrigas; Bebedor reconhecido — morreu bebado; Total efusão de sangue da veia principal que se rompeu; Molestia interior; Molestia da idade; Pontadas”.

Histórico da Comunidade Evangélica de Brusque

(Continuação)

Após a saída do P. Friedrich Richter, o Pastor Enders assumiu provisoriamente o serviço na Comunidade de Brusque. Na Assembléia da Comunidade, de 31.03.1931, o referido pastor declarou que por vários motivos não poderia ficar em Brusque. Para preencher a vaga na Comunidade foi convidado o P. Ferdinand Graetsch de Campinho (ES). Já na reunião do Conselho da Comunidade de 25.10.1931 o P. Graetsch se encontrava em Brusque.

Nesta mesma reunião ficou decidido que quem até fins de 1931 não pagasse as suas contribuições, não seria mais considerado membro da Comunidade. Esta resolução foi ampliada, dando prazo para pagamento dos atrasados até 31.12.1932. Outra resolução importante desta reunião: Contratar um diácono para dedicar-se sobretudo ao trabalho com os jovens. Isso não se concretizou. A então chamada “Escola Alemã” foram cedidas as dependências do Centro Evangélico para usá-lo quando houvesse necessidade.

Já na reunião da Diretoria da Comunidade do dia 21.04.1932 foram tomadas resoluções importantes:

1) Futuramente no caso de casamento entre católico e evangélico o homem que permanecer na Comunidade Evangélica continuará a pagar a contribuição integral, enquanto que se a mulher ficar na Comunidade Evangélica, ela pagará só a metade.

OBS. Esta resolução não vale mais. Atualmente cada um paga dentro das suas possibilidades.

2) Pessoas não inscritas na Comunidade e que desejarem officios, precisam pagar por todos os anos que já residem na cidade.

3) Quando coincidir de haver culto em Itajaí e enterro em Brus-

que, revoga-se a resolução de 29.11.1926, pela qual o culto era suspenso para: "O enterro em Brusque terá que ser adiado até à chegada do pastor. Se o enterro precisar ser feito no sábado, depois que o pastor já partiu para Itajaí, as despesas de viagem precisam ser restituídas pela família interessada".

4) Ao invés do "Livro para Nubentes", será entregue aos noivos uma "Lembrança de Casamento".

5) Foi concedida a ligação de água de uma casa na cidade no encanamento de água particular da Comunidade por uma taxa anual de 90\$000 réis.

Nos anos de 1931 e 1932 consta da ordem do dia de várias reuniões da Diretoria e do Conselho o estudo e aprovação de uma ordem para o Cemitério. Não encontrei o teor desta ordem, que foi aprovada pelo Conselho da Comunidade no dia 23.10.1932.

No dia 3.11.1932 realizou-se em Brusque a festividade da Obra Gustavo Adolfo da Região Leste. Nesta ocasião deveria ser pregador oficial o Pastor von Prützbner, o que não foi aceito pela Diretoria da Comunidade em sua reunião de 21.10.1932. Neste encontro foi servido na parte da tarde café com cucas.

Quando na ausência do Pastor fosse necessário chamá-lo para um enterro, a Comunidade deveria pagar as despesas de viagem para sua vinda.

Na reunião do Conselho da Comunidade de 23.10.1932 foi revogada por proposta do pastor a resolução de 12.02.1922, conforme a qual deveria ser paga uma taxa quando pedissem para o pastor acompanhar um enterro durante o trajeto da casa mortuária até à igreja.

Ainda nas Assembléias de 1932, 1933, 1934 falou-se muito sobre as contribuições atrasadas dos membros. Assim na reunião do Conselho da Comunidade de 02.04.1933 resolveu-se: "Riscar definitivamente da lista de membros da Comunidade os que não colocaram em dia as suas contribuições até 31.03.1933. Os nomes dos faltosos serão lidos do púlpito no Domingo de Ramos". Também na Assembléia de 18.02.1934 resolveu-se "ler do púlpito o nome dos membros com pagamentos em atraso".

Na Assembléia do Conselho da Comunidade de 02.04.1933 se resolveu colocar à disposição da Prefeitura de Brusque um terreno, que pediram da Comunidade para construir um parque público. O Conselho, entretanto, exigiu que o referido terreno voltasse a ser da Comunidade, caso a construção do parque não se realizasse ou fosse usado para outros fins.

Obs. Nesta ocasião a Prefeitura não fez uso do terreno.

Em 1933 era Diretor da "Escola Alemã" o Sr. Heinrich Barkmann. O P. Ferdinand Graetsch ministrava o ensino religioso. Em princípios de 1935 a Direção da Escola foi assumida pelo Dr. Gerhard Harguth. No ano de 1932 foram construídas 3 salas de aula, inaugu-

radas em 1933. Em 1937 foram inauguradas mais 3 salas de aula no mesmo prédio.

Obs. Estas seis (6) salas de aula ainda existem no Colégio e fazem parte do complexo mais antigo no pátio do referido educandário. O Sr. Otto Renaux, que era Presidente da Sociedade Escolar na época, foi o grande baluarte da construção da Escola.

O Conselho da Comunidade em sua reunião de 11.06.1933 resolveu mandar fazer uma nova pintura na igreja. Os serviços seriam executados pelo Sr. José Prunner.

Sobre o número de padrinhos nos batismos decidiu a Assembléia da Comunidade no dia 18.02.1934: "Quando pai e mãe provém de famílias evangélicas, consente-se um padrinho católico. Quando um dos pais provém de família evangélica e outro de família católica, consente-se que a metade dos padrinhos sejam católicos".

OBS. Hoje só existe a segunda modalidade: até a metade dos padrinhos podem ser católicos. Isto é válido para toda a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Resolveu-se também nesta assembléia mandar confeccionar novos bancos para a igreja.

Igualmente chamou-se a atenção para o problema dos mosquitos. Pediu-se que seja evitado deixar água nos vasos do cemitério. Ao invés de água pede-se usar areia nos vasos.

A Diretoria da Comunidade em sua reunião de 31.07.1934 resolveu filiar a Comunidade à Coligação de Igrejas Evangélicas. Nesta mesma reunião foi discutido e aprovado um pedido da Sra. Eckert para sepultar seu marido no Cemitério Evangélico. Diz a ata textualmente: "No caso da Sra. Eckert o marido é católico. Por isso decide-se: No caso de casamentos mistos, cujo casamento realizou-se na Igreja Evangélica, será concedido à pedido, que a parte católica seja sepultada no Cemitério Evangélico. entretanto, com as seguintes exceções: 1) O corpo não será velado na igreja; 2) bater do sino só a partir do morro da igreja; 3) nenhuma cerimônia na casa."

OBS. Esta resolução sofreu alterações no correr dos anos.

A Assembléia Geral da Comunidade de 17.02.1935 resolveu instituir a contribuição obrigatória para jovens solteiros, que já estejam trabalhando e ganhando o seu salário.

OBS. Até hoje os jovens desde a sua confirmação estão contribuindo para a manutenção de sua Igreja.

Esta mesma Assembléia concedeu licença para a viagem a Alemanha do P. F. Graetsch e desejou-lhe uma feliz estadia na sua Pátria. O referido pastor esteve na Alemanha durante o ano de 1935. Nenhuma ata temos de reuniões de Diretoria neste período. A reunião seguinte registrada no Livro de Atas é da Diretoria em 06.03.1936, já com a presença do P. Graetsh.

A fim de que toda a Comunidade ficasse ao par das atividades pastorais, o seu relatório seria lido do púlpito na igreja. Esta resolução foi reforçada na Assembléia da Comunidade de 08.03.1936. Nesta

Assembléa resolveu-se também que no futuro as catacumbas no Cemitério deveriam ter só dois tamanhos: para adultos e para crianças. Outra resolução desta Assembléa: A Diretoria assumiu o compromisso de aterrar a lagoa no terreno da Comunidade.

Na reunião do Conselho da Comunidade de 23.08.1936 resolveu-se colocar um terreno adequado à disposição da Escola, a fim de ser construída uma casa para professor. Também prontificou-se a Comunidade a pagar até a metade das despesas com a compra de móveis e utensílios para o jardim de Infância. Este foi fundado em 1933 com 8 alunos. Sua primeira professora foi a Srta. Ilse Krieger. Igualmente contribuiria com a metade das despesas para colocar um novo reservatório de água no alto da Casa Pastoral, a fim de que a Escola tivesse água suficiente.

Na Ata da Diretoria da Comunidade de 10.11.1936 apreciou-se o pedido do Sr. Cônsul Carlos Renaux quanto a um terreno da Comunidade, que deveria ser cedido para as Damas de Caridade, a fim de edificar sobre ele uma Maternidade. O Conselho da Comunidade em sua reunião extraordinária de 29.11.1936 aprovou a concessão do terreno, mas com a ressalva de que ficaria sendo propriedade da Comunidade. O Sr. Carlos Renaux logo mandou construir a Maternidade, que em 1938 entrou em funcionamento, recebeu o seu nome e ainda hoje o conserva.

Nesta mesma reunião resolveu-se transferir a data da confirmação para o primeiro domingo de Advento. Outra resolução importante: As ofertas dos cultos de Ação de Graças seriam destinadas para um fundo especial, do qual seriam pagas as Bíblias, que seriam dadas aos noivos no dia do seu casamento. E ao mesmo tempo seriam auxiliados membros carentes por ocasião do Natal. Também os professores na "colônia" receberiam um pequeno auxílio desta caixa.

Na Assembléa do Conselho da Comunidade de 14.03.1937 votou-se a decidir sobre o pagamento das contribuições. A partir deste ano as contribuições anuais deveriam ser pagas até o dia 01 de setembro de cada ano. Após esta data a Diretoria iria decidir, se mandaria ler na igreja o nome dos membros que não pagaram até a data prevista.

Na Assembléa da Sociedade Escolar do dia 07.03.1937 resolveu-se mudar o nome de Escola Alemã para Escola Evangélica. A Ata da Comunidade Evangélica de 10.03.1937 registra sobre o assunto: "Com esta resolução deverá ser expresso que também doravante a Escola fica sendo parte da Comunidade Evangélica".

Resolveu-se remodelar a casa do zelador para nela funcionar o Jardim de Infância. E a antiga casa do professor deveria ser reconstruída noutro local para ser a casa do zelador.

O Departamento das Senhoras denominado "Evangelischer Wohltätigkeitsverein" registrou os seus primeiros estatutos no dia 05.01.1937, assumindo o nome de "Associação das Damas de Caridade".

Pastor Werner Brunken

(continua no próximo número)

Os 75 anos do Santuário de Azambuja

Pe. José Artulino Besen
(do Instituto Teológico de Santa Catarina)

Os primeiros colonos italianos, chegados que foram em Azambuja, para cimentar sua união, logo pensaram em construir pequena Capela em honra de Nossa Senhora do Caravaggio. É que à sombra de seu Santuário tinham crescido, na Itália.

Já em maio de 1876 — apenas tinham chegado — começaram a fazer o roçado para a casa de oração. Entretanto, surgem discussões: como fazê-la? com que material? quais dimensões? E assim, discutindo, ano após ano, a construção, chegam a um acordo no primeiro domingo de novembro de 1884. Decidiram construí-la de tijolos, para que ficasse mais segura e as despesas fossem menores, pois tudo se faria ali mesmo, telhas e tijolos. Os nove chefes de família concorreriam com o trabalho e as despesas.

Pietro Colzani, possuidor do lote nº 16, doa o terreno para a obra, inclusive a pracinha na frente, o lugar para se fazer a sacristia, e mais um metro ao redor de toda a construção. Com uma condição: se o Governo quisesse se apoderar da igrejinha ou outros imprevistos acontecessem, o terreno seria sempre dele e de seus herdeiros.

Felos fins do mesmo mês iniciam a fabricação dos tijolos e telhas, que são cozidos ao forno em março de 1885. Com o entusiasmo e a colaboração de todos, também dos colonos vizinhos — pois as nove famílias não dariam conta, sozinhas, do trabalho — em início de maio a capela está erguida. Conta uma testemunha da época que as mães, durante uma folguinha em casa, amassavam o barro numa forma previamente distribuída, e após o almoço iam levar os tijolos assim fabricados para o local comum de secagem...

Foi erguida uma pequena capela, com seis metros de comprimento por três de largura. Com sacristia totalizava 36 metros quadrados. Em 26 de maio de 1885 a igrejinha estava rebocada e caiada. Faz-se o tabernáculo e o nicho sobre o altar.

Sobre o altar, o quadro de Nossa Senhora de Caravaggio, com a bem-aventurada Joanita, o mesmo quadro que ainda hoje se pode contemplar na Gruta de Nossa Senhora em Azambuja. Há duas versões sobre a chegada do quadro, ambas coincidindo que é uma cópia pintada pela Condessa Bianca Brambilla, casada com o Conde Melzi, de Milão: segundo uma versão, foi trazido diretamente pelos colonos, segundo outra, foi enviado da Itália após um pedido dos mesmos colonos.

Mais tarde, Pietro Colzani fez ainda quatro nichos, e depois mais outros dois, contendo o Sagrado Coração de Jesus e o de Maria.

No dia 24 de abril de 1887, a Capela, fruto de piedade, do esforço e da pobreza dos pobres colonos, foi benta pelo jesuíta Pe. Marcel-

lo Ronchi, estando presente o Pe. João Fritzen, Vigário da Paróquia.

Este início piedoso, pobre, ingênuo, privado, popular, emocionado pela devoção e simplicidade. Nem de longe os colonos imaginariam estar lançando as primeiras pedras de uma grande obra que Deus aí realizaria, através de Maria, sua Mãe!

A Capela era tudo para os colonos: desde ponto de encontro para domingos e dias santos, até a oração diária, ao virem da roça, cansados, saudosos de sua terra no além-mar. Nossa Senhora lhes dava alento e alegria.

Como as obras de Deus têm início humilde!

Sem se saber como, Azambuja torna-se um centro de peregrinações. Propagam-se rapidamente as notícias de curas miraculosas aí alcançadas. A devoção vai crescendo. São sempre mais numerosos os devotos que ocorrem de regiões vizinhas. Muitos que anteriormente iam à Iguape agora se detêm na Capela de Azambuja. Quantos aflitos daqui saíram consolados, quantos doentes, curados, após terem implorado o socorro da Mãe dos Aflitos!

Crescendo o número de romeiros e vendo a importância espiritual que alcançava Azambuja, Pe. Antônio Eising inicia a construção de uma nova igreja, no mesmo ano em que chega a Brusque: 1892. Bem maior, medindo 12 metros de comprimento por 10 de largura, fora o presbitério. A obra está concluída em 1894. A antiga ermida, um pouco abaixo do atual Santuário, conservou o quadro de Nossa Senhora e ficou reservada para nela serem depositados o numerosos ex-votos deixados por devotos. Encomendaram, da Itália, as imagens de Nossa Senhora e de Joanita que hoje se encontram no altar-mor do Santuário. Aqui chegaram em 1887. Para pagar o custo de 500\$000 réis, os colonos, com licença do pároco, trabalham aos domingos, após a Missa, fazendo plantações, cujo lucro depois reverteriam para o pagamento das imagens.

A partir de 1892 é comemorada com sempre maior solenidade a já tradicional festa de 26 de maio, dia da aparição.

Azambuja passa a ser chamada a "Iguape do Sul". No início do século chegam peregrinos de Trombudo Central, Rio do Sul, Barra Velha, Parati, Angelina, São Miguel, Florianópolis... A multidão, à falta de hotéis, praticamente inexistentes, se agasalha em ranchos, olarias. No festa de maio de 1900 contaram-se 2.000 romeiros!

Crescendo a importância do Santuário localizado em Brusque, o Bispo Diocesano de Curitiba, Dom Duarte Leopoldo e Silva, a 1º de setembro de 1.905 eleva a Capela de Azambuja à dignidade de "Santuário Episcopal", desmembrando-o da jurisdição e obediência do Vigário de Brusque, e submetendo-o diretamente à autoridade diocesana.

Por sua importância histórica, transcrevemos na íntegra o documento:

"DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Curitiba.

Aos que este nosso Decreto virem, saudação, paz e benção apos-

tólica. Fazemos saber que, considerando Nós como um dever de caridade, que nos é imposto pelo Nosso múnus pastoral, acautelar os interesses dos pobres enfermos asilados no Hospital de Nossa Senhora de Azambuja, construído exclusivamente com as esmolas dos fiéis, pelo zelo incansável e dedicação apostólica dos Revmos. Pes. Antônio Eising e José Sundrupp, e querendo Nós cobrir mais eficazmente os ditos enfermos com a Nossa proteção e desvelo do Nosso ministério, havemos por bem desmembrar, como pelo presente desmembramos, o Santuário de Nossa Senhora de Azambuja, Hospital anexo, e todo o território que atualmente lhe pertence, ou que para o futuro lhe venha a pertencer, por compra, doação, ou qualquer outro título legal, da jurisdição e obediência do Revmo. Vigário de Brusque e seus sucessores na forma do Direito. Outrossim, havemos por bem elevar o dito Santuário à dignidade de "Santuário Episcopal", submetendo-o inteiramente à Nossa jurisdição ou á do Delegado por Nós nomeado e provisionado, segundo a praxe da Diocese, concedendo-lhe as regalias de poder conservar o SS.mo Sacramento, de ter Pia Batismal, e de nele se poderem administrar todos os Sacramentos, salvos sempre os direitos do Pároco de Brusque, e observadas as disposições do Direito e dos Estatutos Diocesanos. O Santuário terá um Fabriqueiro-Administrador por Nós nomeado e provisionado, que o administrará em Nosso nome, e a cuja jurisdição ficam subordinadas todas as pessoas que nele residirem. Terá um Livro de Tombo, onde se anotarão todos os fatos históricos ou interessantes, bem como todos os atos diocesanos referentes à sua administração; um Livro de Receitas e Despesas, onde serão escrupulosamente lançadas todas as esmolas, donativos, contribuições e auxílios dos fiéis para a manutenção do mesmo; um Livro de Matrículas dos enfermos, e todos os mais que forem necessários. Este Nosso Decreto será lido à estação da Missa, na Igreja de Brusque e no Santuário, registrado no Livro de Tombo de uma e outra igreja, e depois remetido à Nossa Câmara Episcopal, para ser integralmente transcrito no Livro competente. Dado e passado na Paróquia de Blumenau, em Visita Pastoral, sob o Nosso Sinal e Selo das Nossa Armas, no dia 1º de setembro de 1905.

+ Duarte, Bispo Diocesano."

É esse o documento decisivo que garantiu a Azambuja o destino histórico que ora lhe cabe.

Convém anotar dois dados: — o nome do Santuário, na mente do Bispo, à época da criação, não é "Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio", como hoje é o oficialmente nomeado, mas "Santuário de Nossa Senhora de Azambuja", título que mais faz justiça à história e a seu significado. — A finalidade do ato de Decreto foi o de amparar os doentes e asilados de Azambuja, finalidade profundamente caritativa, portanto: as esmolas de Azambuja são esmolas para os desamparados. Três anos antes, a 29 de junho de 1902, tinha sido fundada a "Santa Casa de Misericórdia de Nossa Senhora de Azambuja".

(Continua)

Relatório dos preparativos e das festas comemorativas do primeiro centenário de Brusque

(Continuação)

Formou-se logo depois o préstito que, tendo à frente a Banda da Polícia Militar do Estado, rumou para a Praça "Vicente Só" que seria inaugurada, bem como o obelisco comemorativo do centenário.

Depois da execução do Hino Nacional discursou o sr. Carlos Cid Renaux, convidando, em seguida os srs. Governador Heriberto Hülse e José Brusque, para decerrarem as placas de bronze que contém os seguintes dizeres: "1860 — 4 de Agosto — 1960. Primeiro centenário da fundação de Brusque. Ao seu fundador Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, ao seu primeiro Diretor Barão Maximiliano de Schneéburg e aos seus colonizadores em geral, Homenagem sincera e a eterna gratidão do Povo de Brusque". "Neste lugar denominado VICENTE SÓ, então propriedade do precursor Pedro José Werner, desembarcaram, a 4 de agosto de 1860, os primeiros colonizadores de Brusque, sob a chefia do instalador da Colônia e seu primeiro Diretor o Barão Maximiliano de Schneéburg".

Discursou ainda o sr. José Brusque, em nome da Família BRUSQUE, transmitindo a mensagem de seu tio Dr. Heráclito Brusque, único filho vivo do fundador (Jornal O Município nº 278).

Erigiu-se o Obelisco por subscrição pública cuja Sub-Comissão arrecadou Cr\$ 290.110,00, integralmente aplicados.

Simultaneamente, às 9 horas, realizaram-se na Igreja Católica em contrução e Igreja Evangélica, respectivamente, Pontifical celebrado por Dom Joaquim D. de Oliveira, Arcebispo Metropolitano e Culto solene especial, celebrado pelo Pastor Dr. Ernesto Schlieper, presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. No Pontifical achava-se presente a Banda da Força Pública Estadual que executou o Hino Nacional no momento da Elevação.

Grande multidão se encontrava nas imediações dos portões de entrada da Exposição Nacional da Indústria no 1º Centenário e das Exposições do Governo e Grupos de Trabalho, situada na rua Monte Castelo, aguardando a inauguração oficial, que se verificou às 11 horas, frente ao Pavilhão de Brusque.

No ato discursou o sr. Dr. Guilherme Renaux, presidente do Sindicato Patronal das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Brusque, tendo o Governador do Estado cortado a fita simbólica permitindo acesso à grande exposição. Nessa solenidade, como em todas as outras, autoridades federais, estaduais e municipais, altos representantes das Igrejas Católica, Evangelica e Adventista, autoridades militares, membros da Comissão de honra e convidados especiais, se achavam presentes. Procuraremos registrar os nomes e cargos dessas personalidades quando relatarmos o banquete oficial.

O Parque de Diversões Tupy desde cedo funcionou com todos os seus aparelhos tomados.

Todo recinto da Exposição e do Parque de diversões se achava engalanado com bandeirinhas e enfeites os mais variados.

Visitaram a exposição:

31.983 pessoas que pagaram ingresso (de 4 a 24 de agosto); 1.265 pessoas com ingresso livre de expositor; 865 jornalistas e funcionários; 2.650 escolares;

10.320 pessoas com ingresso pago de 25/ a 4/10; 10.000 crianças, aproximadamente até 4/10. Total de visitantes: 57.083 pessoas no período de 4/8 a 4,10. Outros dados: o número de expositores foi de 154 entre firmas, Embaixadas dos Estados Unidos da América e República Federal da Alemanha, Governo do Estado e organizações diversas. (Relatório da Sub-comissão que inclui fotografias, relação dos expositores, etc. Jornal "O Município" n.ºs. 277 e 278). Cumpre registrar ainda que o serviço de terraplanagem de todo local da Exposição e Parque de Diversões foi feito pela Prefeitura Municipal sob orientação do engenheiro sr. Júlio Hildebrandt. A exposição, em geral, realizou-se sob a responsabilidade da firma Promoções Centenária Ltda. que teve como diretor geral o sr. Cyro Gevaerd. Conforme já anotamos na primeira parte deste relatório a Sub-Comissão da Exposição Industrial e a firma citada bem como a Comissão Central, previamente, estabeleceram um contrato condicionando Exposição e Parque de diversões.

*

Na veterana "Schützen Verein Brusque", hoje Clube de Caça e Tiro "Araújo Brusque", com 100 anos de existência, realizou-se, com início às 13 horas, o banquete oficial do Centenário.

As mesas caprichosamente dispostas e ornamentadas, ofereceram lugar para 300 pessoas, entre autoridades, convidados especiais e personalidades. O discurso oficial esteve a cargo do sr. Euclides Carddeal, tendo o Prefeito Municipal, ao champagne, levantado o brinde de Honra ao Presidente da República. A seguir, as autoridades presentes em maior número das que participaram da mesa que presidiu a Sessão Solene a cargo da Câmara Municipal: Tte. Cel. Newton Machado Vieira, representando o Exmo. Presidente da República; Heriberto Hülse, Governador do Estado; Deputado Federal Osmar Cunha, representando a Câmara de Deputados; Senador Irineu Bornhausen; Senador Francisco Gallotti; Dr. Hans Otto Müller — Osthaus, representando o embaixador da República Federal da Alemanha no Brasil; Desembargador Severino Alves Pedrosa, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado; Dr. Ernesto Schlieper, presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Braz Joaquim Alves, presidente da Assembléia Legislativa do Estado; Pastor Domingos Peixoto da Silva, secretário geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil; Dom Joaquim D. de Oliveira, Arcebispo Metropolitano; Dr. Belizário N. Ramos, Juiz de Direito da Comarca; Dr. Carlos Moritz, Prefeito Municipal;

Carlos Boos, Presidente da Câmara de Vereadores; Pedro Piva Jr., Prefeito Municipal de Nova Trento; Francisco A. Koerich, Prefeito de Vidal Ramos; José Brusque, representando a Família Brusque; Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, Primeiro cidadão Honorário de Brusque; Piotr Glovacki, representando o Ministro Plenipotenciário da Polônia no Brasil; Ayres Gevaerd, representando a Sociedade Amigos de Brusque e o Sr. Tenente Coronel Henrique P. Wiederspahn, autor do brasão de Brusque, e outras personalidades que podem ser identificadas nas fotografias obtidas na oportunidade.

As 15,30 horas instalava-se a 3ª Exposição Filatélica de Santa Catarina, no prédio gentilmente cedido pela firma Buettner S. A. Indústria e Comércio, na Avenida Carlos Renaux. Na abertura discursou o presidente do Clube Filatélico Brusquense, sr. Gotthard Pastor, cortando a fita simbólica o Governador do Estado, Heriberto Hülse.

Seu encerramento verificou-se no dia 10 seguinte com um jantar festivo realizado no salão de festas do Hotel Gracher. (Detalhes, ver volume 12).

Nessa mesma tarde a Banda da Força Pública do Estado ofereceu à população brusquense uma esplêndida Retreta no coreto instalado na Praça da Igreja Católica.

A noite, a multidão distribuída na Praça principal, parte da rua Ruy Barbosa, Av. Carlos Renaux, Av. Monte Castelo e Parque da Exposição, assistiu à festa pirotécnica organizada por pessoas que se instalaram nos andaimes da Igreja Católica em construção.

Finalmente, encerrando o grande dia, o Clube Esportivo Paysandu abriu seus salões para o grande baile de Gala do Centenário, oportunidade em que foi coroada a Rainha do Centenário, srta. Márcia Albani. Pela elegância e magnificência, constitui-se no maior acontecimento social brusquense até então realizado. (Volume nº 17). Simultaneamente realizava-se nos salões da Sociedade Esportiva Beneficente outro baile oficial, traje passeio, proporcionando outra nota de destaque social.

No dia 5, às 6 horas da manhã fez-se presente o Tiro de Guerra nº 170 com alvorada, executada por sua Banda de Cornetas e Tambores e, às 9 horas no campo de futebol do C. A. Carlos Renaux, os seus soldados fizeram uma demonstração de ordem unida, sem comando, seguindo-se apoteose à Bandeira Nacional e Homenagem aos imigrantes. À tarde, os soldados realizaram um combate simulado no terreno dos herdeiros João Olinger, frente à sede dessa unidade militar, assistido por autoridades, militares e grande número de populares.

As 9 horas foi iniciado o grande desfile escolar — militar no qual participaram todos os educandários do município, cada qual com sua Bandeira, Guarda de honra, além do nome do patrono. Proporcionou nota especial muito aplaudida a apresentação de um carro alegórico com miniatura da primeira escola e um casal de velhi-

nhos, representando imigrantes, organização da Escola Municipal Vicente Schaefer. A maioria das Escolas iniciou o desfile partindo do Grupo Escolar Feliciano Pires e obedeceu a um perfeito itinerário previamente estudado. Primeiro a desfilou foi a Banda da Força Pública do Estado que a seguir instalou-se junto às autoridades no palanque oficial. Aos educandários seguiram, pela ordem: Grupo de ex-combatentes brusquenses da F. E. B. ; um contingente de 120 homens da Marinha de Guerra que deram brilho especial ao desfile e, finalmente, o nosso Tiro de Guerra n° 170. Ao todo desfilaram 4.130 alunos das escolas de Brusque e 200 soldados e marinheiros e ex-combatentes. Os marinheiros pertenciam a duas unidades de nossa Marinha de Guerra, fundeadas em Itajaí. Cumpre registrar neste Relatório que a Sub-comissão dos Festejos Escolares organizou os desfiles de 4 de agosto de 1959, 99° aniversário de Brusque, como parte do programa especial em colaboração com o Tiro de Guerra n° 170, Sociedade Amigos de Brusque e Comissão Central; e o desfile de 7 de setembro (Dia da Pátria) e serviram como preparativos para o grande desfile do Centenário. (Detalhes, ver documentos e fotografias no volume n° 15).

Na rua Manoel Tavares, altos, em terreno recém adquirido da Igreja Católica pela Prefeitura Municipal, foi instalada a Exposição Agro-Pecuária Estadual e a 23ª Exposição Avícola, também estadual.

Em galpões e compartimentos especialmente construídos pela Sub-Comissão com auxílio dos Governos do Estado e do Município distribuíram-se os animais, das mais variadas raças, destacando-se as criações do sr. José Pereira.

Na abertura oficial discursou o sr. Kurt Schloesser e, logo que as autoridades, convidados e populares percorreram os diversos estandes, ouviu-se o resultado da Comissão Julgadora (Relatório no volume n° 9).

A inauguração do Serviço de Abastecimento de Água, programada para o dia 4, transferida devido ao mau tempo, verificou-se logo depois da instalação da Exposição Agro-Pecuária. Presente, além das autoridades que então participavam das festividades, se encontrava o Dr. Henrique Maia Penido, diretor do Serviço Especial de Saúde Pública do Governo Federal. O discurso oficial feito pelo Prefeito Municipal Dr. Carlos Moritz .

(Continua)

Documentos da Administração Barão Maximiliano de Schneéburg

Fevereiro de 1863.

(De acordo com a ortografia original)

DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM EM 8 DE FEVEREIRO DE 1863.

Illm^o e Exm^o Snr.

Cumpre me levar ao conhecimento de V^a Ex^a que desde o 1^o de Janeiro de 1861 destaquei por ordem do Governo da Província alternativamente sempre um soldado do destacamento com uma Canóa desta Colonia e a gratificação mensal de 8\$000 ao lugar da ponte enlevada no Rio de Canhandúba, distante da Villa circa de 3 horas e da Colonia 6 a 7, afim de conservar a communição terrestre da Villa à Colonia e os entre-habitantes, atravessando o dito Rio por Canóa até agora única passagem.

Em obediencia à Ordem de V^a Ex^a que me foi communicada por Officio do Coronel Commandante do Batalhão do Depósito, com data 28 de Janeiro sub n^o 1 de 1863, marcha daqui o destacamento para se apresentar com armamento e equipamento á Capital do Desterro. Não havendo meio algum de substituir nessa occasião repentina, esse Soldado passageiro, por algum Colono que queira, ou por um outro paezão da vizinhança do Canhandúba, considerei (como esse transito publico não devesse ser interrompido de modo algum), não fazer um passo errado e muito menos desobediente, se forçado pela urgencia da indispensabilidade da communição, conservei sob minha responsabilidade neste lugar esse um Soldado, em quanto eu informasse à V^a Ex^a desta Circumstancia local e recebesse as segundas Ordens a respeito, ou que V^a Ex^a, talvez tivesse tempo e encumbisse a Camara Municipal da Villa de providenciar essa passagem de qualquer outra maneira.

O mesmo participei ao Snr. Corronel Commandante do Batalhão do Depósito desonerando assim o Fooriel Commandante do Destacamento de toda Culpa, visto que por ordem da Exm^a Presidencia foi entregue à immediata disposição e prompta Obediencia ao Director da Colonia esse destacamento.

Espero que v^a Ex^a não desaprove nestas circumstancias esse meu proceder de momento, filho unicamente, da constrangida reflexão urgente, contra o immediato clamor do povo pela intercepção da sua communição. Submisso receberei o Juizo que V^a Ex^a.

Cumpre-me outro sim levar respeitosamente ao conhecimento de V^a Ex^a que a ausencia total de destacamento na Colonia conside-

ro e de facto é muito arriscado e deixar receiar muitas prejudicias acontecimentos, já na defeza da Colonia contra a invasão dos Bugres, já a todo respeito policicial e do socego, sobre o que não posse deixar de informar à V^a Ex^a.

Com o maior profundo respeito solicito por isto e com instancia à V^a Ex^a, de tomar em sua Justiceira Consideração os motivos da minha Supplica e de Se Dignar mandar um destacamento indispensavel, à esta Colonia pelo menos de 12 praças (sendo 18 o numero usual de praças concedido para esses destacamentos) e tomo-me a liberdade de pedir à V^a Ex^a, se assim por bem houver, de destinar, para esse fim entre as Praças que hoje marchão, os da Lista nominal junta, e de ordenar a completar-se o numero, por praças de conhecida boa disciplina e conduta.

Deos Guarde à V^a Ex^a

Illmo. e Exmo. Snr. Capitão Tenente Pedro Leitão da Cunha
Dm^o Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM
8 DE FEVEREIRO DE 1863**

Illm^o e Exm^o Snr.

O bem estar, o andamento prospero e progressivo da Colonia me obrigação a levar à sciencia de V^a Ex^a que ha mais de 2 mezes ausentou-se o Agrimensor contratado Germano Thieme da Colonia na forca dos trabalhos concluintes do Anno de 1862, existindo alem disto Colonos novos com lotes que escolherão a demarcar, e verdade é com um breve licença minha por alguns dias.

Demorou-se semanas ausente, e voltando, partio immediatamente sem licença e por obstinada espontanea vontade para o lugar chamado Salto do Rio d'Itajahy-mirim, da Colonia 3 dias de viagem Rio para cima, em companhia de varios, em busca frustada, como consta, de Ouro nas minas (abandonadas ha muito annos pelos Holandezes).

Regressando, nem compareceo na Directoria e partio na manhaa seguinte para a Villa d'Itajahy; tornou à voltar a Colonia e me disse que ia buscar sortimento para a casa de negocio que sua mulher tem na Colonia, e que elle ficaria por ora em expectativa de certos resultados e intentos, antes que tornasse occupar-se no seu emprego e dever prescripto no Contrato, que por Ordem do Exm^o Snr. Presidente Brusque celebrei com elle. Partio sem licença e até ao presente não reapareceo mais.

Consta por ums ter seguido para S. Catarina, por outros para o Rio de Janeiro, por todos com o preposito de maquiar seus intentos!

Vi-me na necessidade de aproveitar provisoriamente por uma

semana o Agrimensor Max von Printz casualmente presente, para alguns medições mais urgentes, o qual também em negocios familiares partio para S. Catharina, donde deve voltar a cada instante.

Germano Thieme quebrou hostilmente em todos os sentidos o seu contracto, tanto moral como materialmente, abandonou os Servicos a ponto de querer, em vão, comprometel-os a favor de seus intentos.

Rogo à V^a Ex^a a authorização, de poder prover-me com outro agrimensor nas mesmas condições do primeiro.

Deos Guarde à V^a Ex^a

Illm^o e Exm^o Snr. Capitão Tenente Pedro Leitão da Cunha

Dm^o Presidente da Provincia de S. Catharina

O Diretor da Colonia
Barão de Schneéburg

**DIRECTORIA DA COLONIA BRUSQUE NO ITAJAHY-MIRIM EM
20 DE FEVEREIRO DE 1863**

Illm^o e Exm^o Snr.

Cumpre-me de levar ao conhecimento de V^a Ex^a um accidente lamentavel que teve aqui lugar no dia 18 do corrente mez.

Dirigindo-se neste dia o Reverm^o Vigário da Freguezia de S. Pedro Apostolo, que actualmente exerce ahi suas funcções religiosas, para uma das Capellas da Colonia, foi saudado pelos Colonos com tiros de espingardas. Assim também o Colono José Scharf querendo cortejar o seu Cura com um tiro, rebentou-selhe o cano da espingarda e os pedaços d'elle e a velha carga, digo, carrega de chumbo mutilarão sua mão esquerda de tal maneira, que somente um medico ou Chirurgião de Profissão pode prestar os socorres necessarios.

Julguei pois por meu dever de mandar sem demora esse pobre Colono, cuja mulher um dia antes do desastre teve seu bom successo e por tanto se achava ainda na cama, para a Barra do Itajahy-mirim com as providencias aos Snrs. Sallentien e Haendchen, se uma Barca fosse prestes a sahir de envial-o para o Hospital do Desterro, no outro caso de expedil-o immediatamente para a Colonia Blumenau, aonde reside o mui habil medico e Cirurgião o Snr. Dr. Knoblauch, — ou se na Villa mesmo estivesse um medico ou chirurgião de entregal-o nas mãos d'elle.

Receio bastante, que antes de chegar o infeliz Scharf ao seu destino, o esphacelo, ou tetano já terá aparecido, de maneira que elle se acha em perigo de perder a mão, talvez o braço, talvez a vida.

Não posso Exm^o Snr. relatar esse accoecimento à V^a Ex^a sem reiterar a supplica à Sua alta benevolencia a mandar sanar o flagello a muito sentida falta de um medico n'esta Colonia e de uma Bo-

tica com seu Pharmaceutico, que tãobem neste e em frequentissimos outros casos se mostrarão e mostrão de completa urgência.

Recebi ultimamente 2 garrafas de vinho ferreo, e 5 caixinhas com pilullas contra o mal da terra. As 2 garrafas ficarão consumidas em menos de 2 dias por haver um muito grande numero de doentes do mesmo mal; pilulas ainda tenho. Para outras doenças não tenho mais remedios, e enviarei ao Snr. Agente da Colonisação uma pequena relação, dos casos mais frequentes para à Ordem de V^a Ex^a mos remetter.

O caixão do reforço dos remedios contra o mal da terra, assim como o regimen da applicação pelo Snr. Dr. Schuttel prescripto até agora não chegou. Ao escrever estas, e neste momento mesmo recebo a Carta do Snr. Agente da Colonisação com o regimen prescripto pelo Snr. Dr. Schuttel contra o mal da terra. O caixão porem os remedios ficou ainda na Barra.

Permitto-me apresentar à V^a Ex^a um pelo qual o Governo possa obter um medico allemão de habilidade e confiança.

Na Allemanha há abundancia de moços instruidos em sciencias e artes, isto faz com que grande parte delles não encontrão sufficientes meios de subsistencia, e tem de lutar com o materialismo da vida. Por isso seria, segundo meo fraco ver, muito facil mandar engajar um bom medico para essa Colonia logo que o Governo lhe garante passagem gratuita até cá e um salario de 1:200\$000 Rs. annual, como no Blumenau.

Julgo que as despezas que o Governo atualmente tem de fazer com os doentes daqui para o Desterro, e vice versa e com o trattamento delles no Caminho e no Hospital vem a fazer uma quantia superior à de 1:200\$000, e assim um engajamento fixo de um medico residente na Colonia seria alem de um immenso beneficio, até economia.

Assim o no Rio de Janeiro bem conhecido Dr. Schrecker muito estimado medico supponho se incumbiria de boa vontade, de indicar conscienciosamente um habil Collega seu, com o qual já na Allemanha devia ser authorisado o respectivo Consul do Imperio do Brasil a celebrar o contrato, e preço, digo, peço a V^a Ex^a de desculpar essa minha sumissa idea.

Deos Guarde à V^a Ex^a

Illm^o e Exm^o Snr. Capitão Tenente Pedro Leitão da Cunha
Dm^o Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

A continuidade desta Revista somente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Número 15 — Ano IV — Tiragem de

— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral de

ROSIN INDUSTRIAL E COMERCIAL DE
RESÍDUOS TEXTEIS LTDA.

BRUSQUE - Santa Catarina

E

A. Martins & Cia. Ltda.

REPRESENTAÇÕES

BRUSQUE

—

Santa Catarina



ROSIN INDUSTRIAL E COMERCIAL
DE RESÍDUOS TEXTÉIS LTDA.

Rua do Centenário, 272 — Caixa Postal, 153

CGC 82 988 957/0001-52

Inscr. Estadual 250 - 013 - 029

Telefone PABX 55-1100 DDD 0473

Brusque - SC

A. Martins & Cia. Ltda.

Representações

{ FOSFANIL S/A - Anilinas
REINAG LTDA. - Produtos Químicos

Praça Barão de Schneéburg, 12

CGC 82 984 246/0001-00

Inscr. Estadual 250 430 258

Telefone: 55-0171 DDD 0473

Brusque - SC